

A Justiça e a Missão do Juiz

Des. Hélio Armond Werneck Côrtes (*)

Não se pode falar de Justiça sem uma referência, antes, ao homem que a distribui, o seu instrumento, o que mantém acesa a sua chama, isto é, o Julgador, o Juiz.

Através dos tempos evoluiu, espiritual, intelectual e até fisicamente, a figura do juiz. Com efeito, em tempos não muito afastados, fazia-se do Juiz uma imagem distorcida, e anedótica (*sic*). Ele era, realmente, um ser à parte dos demais, isolado, alçado num pedestal de infalibilidade *ex cathedra*, resguardado de influências nocivas, sutil, casmurro.

Lananière aconselhava-o a não ler jornais, que poderiam contaminá-lo do vírus da opinião alheia e perturbar-lhe as cerebrais lucubrações. Calamandrei chamou a atenção para essa anomalia, quando descreveu assim o drama do Juiz:

O drama do Juiz é a solidão, porque ele que, para jogar, deve estar liberto de afetos humanos e colocado um grau acima de seus semelhantes, raramente encontra a doce amizade que requerem espíritos do mesmo nível; e, se a vê avizinhar-se, tem o dever de a evitar com desconfiança, antes que haja de aperceber-se que a movia apenas a esperança dos seus favores, ou antes que ela seja censurada como traição à sua imparcialidade.

Essa imagem era falsa e haveria que modificar-se. O Juiz, exatamente porque a sua função é julgar, resolver os conflitos dos homens, há que viver no meio deles e com eles, cambiar continuamente idéias e experiências novas, ter amigos, amar e ser amado, conviver. Se assim não for, sua cultura será inútil, teórica, egoísta - justamente porque não informada pela vivência, pelo calor da solidariedade humana. Ele julga não somente com a cabeça, senão também com o coração, não apenas com a inteligência, mas com os sentimentos.

Para bem julgar, basta conhecer; e, para conhecer, é mister viver e conviver.

Fazer justiça não é manipular ou saber de memória os Códigos. “Acima das leis está o Direito e é ele que os juízes devem aplicar, se querem dar às leis o seu verdadeiro e completo valor”, na sempre lembrada lição de Henri de Page.

Por isso mesmo, o Juiz deve ser um homem bem-formado. Somente os homens sem rancores e prejuízos, os homens mansos e humildes de coração podem professar a justiça.

E não lhe basta a inteligência, como não lhe é suficiente a cultura, por mais abalizada que seja. Ao contrário, mostra a experiência que os muito sábios e muito lógicos não são bons juízes. Justiça não se faz com silogismos e fórmulas. A lógica levaria inevitavelmente à pena de talião, “olho por olho, dente por dente”. Mas a pena de talião é sumamente injusta, porque baseada na vingança, sentimento subalterno, negação da própria justiça. É necessária, pois, uma qualidade, um dom, e muita sabedoria para manter o equilíbrio indispensável, que marca o bom Julgador.

Parece petição de princípio, mas a verdade, em resumo, é que o Juiz deve ser, antes de tudo, um justo.

* Ex-Presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais.

Tal é, ao meu parecer, a figura do Juiz, o aplicador da Justiça.

Mas, afinal, perguntar-se-ia: Que é a Justiça?

A pergunta leva, de imediato, nosso pensamento para Deus, porque, como escreveu Ruy Barbosa: “De tudo quanto no mundo tenho visto, o resumo se abrange nestas cinco palavras: Não há justiça sem Deus”.

Que Deus, última análise, é origem de toda a verdadeira Justiça. Essa certeza é, para nós outros, encorajadora: sendo o homem imagem e semelhança de Deus, tem, por isso mesmo, o dever indeclinável de imitá-lo também assim no amor, como na prática da Justiça. Ao mesmo tempo em que é julgado, o homem julga. Portanto, precisa acautelar-se quando julga, para saber como será julgado.

Na ciência e arte de julgar, já foi dito por Matias Ayres, o erro de inteligência é desculpável, nunca o de vontade. Fazer Justiça, afinal, é obedecer às diretrizes da consciência, à qual Kant chamou “olho de Deus dentro de nós”.

É ser autêntico, veraz, destemeroso, sereno na aplicação da lei e, principalmente, na aplicação do Direito, a equidade manda ficar ao lado do Direito, superior a todas as leis.

Mas, afinal, o que é Justiça?

Poderia respondê-la, citando a lição antiga: Justiça é dar a cada um o que é seu e não causar prejuízo a ninguém. Platão, conceituava-a como a fiel aplicação do Direito. A sua missão mais relevante, sem dúvida, é permitir que a Paz volte um dia a habitar a terra dos homens. Paz, naturalmente, com liberdade e porque como já foi dito: “se o homem é livre no mundo que o rodeia, a Justiça está salva”. “E a Justiça é a saúde da República”.

Muitas outras coisas poderia dizer, tomada dos livros e da experiência. Mas a resposta ficaria ainda incompleta, aquém da realidade. Afinal, bem ponderando, uma definição não é assim tão importante.

O senso de Justiça ou injustiça é inato em nós, em nossa inteligência e em nossos corações. Quando se indaga o que é a vida, a melhor resposta é figurar um corpo sem vida. Imaginai as trevas, e a luz se vos revelará.

A representação, em vosso espírito, de um mundo sem Justiça - ódio, tirania, guerras, inquietação - crime fará surgir, nascida do contraste, a noção de Justiça e de Paz.²

-:-:-

² Excerto do discurso proferido no Rotary Clube Pampulha, em 4 de dezembro de 1975, a convite de seu Presidente, Desembargador Walter Veado.